

1.

Introdução

A missão primordial da Igreja de anunciar Jesus Cristo como aquele que traz vida em abundância para todos os seres humanos e revela a estes a dignidade suprema da sua condição, implica que este anúncio seja realizado de forma compreensível para os homens e mulheres de todos os locais e épocas.

As diversas mudanças ocorridas ao longo da História e que moldaram a maneira de se colocar no mundo das gerações, sempre provocaram na Igreja, a necessidade de se repensar a fé que se recebeu dos apóstolos no contexto cultural judaico. Esta primeira inculturação da fé é testemunhada pela própria Sagrada Escritura, e tem origem quando a fé cristã se encontrou com o mundo grego.

Com a chamada “Modernidade”, a partir do século XVI, ocorre uma nova mudança de paradigmas que, entre outros muitos aspectos, fará com que o ser humano se desloque de uma posição específica dentro da hierarquia da realidade que tinha a sua fundamentação em Deus, para o lugar central. A razão humana é exaltada como aquela capaz de desbravar o mundo e compreendê-lo em todas as suas leis e mecanismos e mesmo de ser o critério para a verdade, à medida que esta pudesse ser comprovada pelo método científico. Deste modo, de contemplador de um cosmos criado por Deus e no qual se poderia ainda perceber os seus vestígios, o ser humano passa a sujeito de uma razão todo-poderosa e a ciência a grande chave para se verificar a verdade, descartando-se qualquer outro tipo de autoridade.

Com a progressiva secularização da vida e a imposição do método científico a todos os domínios desta, a possibilidade de um discurso sobre Deus se enfraqueceu, pois era o tipo de questão não passível de ser verificada pela ciência.

No entanto era justamente a este homem que a Igreja precisava anunciar o Evangelho. Era preciso refletir sobre a fé, não mais a partir dos pressupostos e categoriais culturais que foram compreensíveis aos seres humanos de outras épocas, mas encontrar uma nova fundamentação que abrisse o ser humano de então para acolher existencialmente o anúncio cristão.

E por isto, se fez necessário realizar também na teologia uma “virada antropológica”, fazer com que o ser humano compreendesse a plausibilidade da

fé, não mais a partir do cosmos, mas da experiência da subjetividade, da própria existência.

Dentre os numerosos pensadores que realizaram este intento, escolhemos para o nosso trabalho, o teólogo alemão Karl Rahner (1904-1984). Sacerdote jesuíta de grande atividade unida à uma enorme sensibilidade pastoral que o fez se interessar pelos principais assuntos de sua época, Rahner se utiliza de uma abordagem transcendental na Teologia.

Este método consiste em investigar em que sentido o dado da fé responde, de maneira sempre indevida e gratuita, à alguma demanda da natureza humana. Com isso, fica claro que a fé não é um acessório que possa ser abraçado ou não de acordo com conveniências que não digam respeito ao essencial da vida. Se, por meio da abordagem transcendental, fica claro que a fé quando nos vem por meio da Revelação satisfaz a algo já presente no ser humano, ela não pode ser tida de modo algum como uma questão marginal.

A dinâmica humana na qual Rahner capta esta abertura é a própria subjetividade, nos dinamismos que a constituem de inteligência e liberdade. Isto provoca uma nova maneira de se pensar a relação razão e fé, pois de acordo com a sua teologia, como exporemos ao longo do trabalho, a razão não é uma instância fechada à fé, mas exige o reconhecimento de algo mais amplo do que ela, do Mistério, o qual posteriormente, e com muitas ressalvas, será denominado “Deus”.

Este Mistério se torna próximo, se dá ao ser humano, por meio da Encarnação do verbo e da Graça, o Espírito Santo. Rahner entende estes dois eventos, respeitando suas especificidades, como momentos da única Autocomunicação divina que instaura no mundo uma oferta permanente da Graça, expressão da vontade salvífica universal de Deus.

Como Deus não é uma instância categorial, mas o Mistério absoluto que abarca toda a realidade, o ser humano, mesmo que não tenha consciência explícita disto, ao exercer a sua liberdade, sempre está em relação com Deus. Disso surge a possibilidade de se afirmar que há pessoas que acolhem a Graça, mesmo que ao nível da consciência explícita, rejeitem a Deus.

Basicamente a exposição destes temas em Rahner é a proposta do nosso trabalho. A abertura transcendental para uma possível Revelação divina consiste no segundo capítulo da nossa dissertação. A autocomunicação de Deus, por meio da Encarnação do Verbo e da doação do Espírito Santo, é o terceiro capítulo. No

primeiro, pretendemos contextualizar o desafio que a Modernidade lança à fé e apresentar, de maneira geral, Karl Rahner. O último capítulo consistirá em exemplos de como a aplicação do método transcendental gerou abordagens bastante originais e sólidas em alguns assuntos estudados pelo nosso autor.

Para tal, teremos como base a obra na qual Rahner pretende fornecer uma idéia primeira, básica de cristianismo, a justificação transcendental dos principais conteúdos da fé: “O Curso Fundamental da Fé”. Outros escritos também são de fundamental importância, tais como: a coleção “Escritos de teologia” que compila vários artigos de Rahner, “O Ouvinte da Palavra”, “Natureza e Graça”, “O Homem e a Graça”, “Teologia e Antropologia”; além de numerosos artigos de periódicos e bibliografia complementar sobre a teologia de Rahner.